



O Adestramento Positivo e suas consequências nem sempre positivas

Conversando com Dr. Luiz Luccas – fevereiro 2019

<https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/boletim-apamvet/>

Caros Colegas,

O conjunto de todas as atividades econômicas e comportamentais que integram o mercado pets é, sem dúvida, um dos maiores fenômenos socioeconômicos de nossa era. Praticamente todas as sociedades estão simultaneamente passando por um crescimento sem paralelo desse setor, até mesmo a China, onde até recentemente pets eram considerados um luxo burguês (ou mesmo alimento), em 2018 esse segmento superou a marca dos 25 bilhões de dólares, inferior apenas aos EUA com mais de 70 bilhões de dólares. No Brasil, também em 2018 essa cifra atingiu R\$ 20 bilhões, e tem crescido a uma velocidade maior que a maioria de outros setores.

No coração desse fenômeno encontram-se a relação emocional e coabitação de humanos e pets. Superados obstáculos como zoonoses, de saúde e nutrição, o comportamento adaptativo de ambos se torna o principal fator de sustentação dessa relação e, conseqüentemente, desse mercado daqui em diante. Nesse sentido o adestramento inteligente assume vital importância e conhecer suas tendências e influências é fundamental para qualquer profissional da área, em especial para médicos-veterinários.

Para falar sobre este tema, convidei meu amigo e profissional que admiro muito, Alexandre Rossi.

Seu nome dispensa apresentações. Formado em zootecnia pela Universidade de São Paulo (USP) e graduando de Medicina Veterinária pela Faculdades Unidas Metropolitanas (FMU), Alexandre Rossi possui especialização em Comportamento Animal e obteve o primeiro título de especialista na área na Universidade de Queensland, em 1997. Autor de dez livros, apresentador de TV e presença constante em todas as mídias e fóruns internacionais, Alexandre consegue conciliar um profundo conhecimento em etologia com uma linguagem simples e atraente, razão de seu imenso sucesso.

Recentemente tivemos uma longa conversa sobre a evolução do adestramento, em especial sobre uma nova escola chamada de Adestramento Positivo, conversa que resumo a seguir:

O Adestramento Positivo e suas consequências nem sempre positivas.

Luiz: Os pais e mães de hoje estão vivendo um paradoxo preocupante. O ritmo alucinado do nosso tempo produz neles uma sensação de culpa por acharem que não estão dando atenção suficiente aos seus filhos. Como mecanismo compensatório, procuram garantir a felicidade deles atendendo ao máximo

suas necessidades materiais e impondo menos limites. Isso tem criado gerações cada vez menos tolerantes a frustrações e conseqüentemente menos felizes, justamente aquilo que mais buscavam. Essa situação tem alguma correlação com o que ocorre com adestramento de pets atualmente?

Alexandre: Sim, tem total correlação e infelizmente com consequências também contrárias ao que buscam. Não há dúvida que a ciência e a prática do adestramento evoluíram muito nas últimas décadas. O uso de métodos violentos e agressivos são hoje intoleráveis e cada vez menos frequentes. A violência contra animais é abominada hoje tanto quanto aquela violência contra seres humanos, o que é uma clara evolução. Contudo, não podemos correr o risco de distorcer a realidade, deixando de lado a ciência do comportamento animal, o que infelizmente tem acontecido com frequência e com resultados decepcionantes.

Luiz: Como se dá essa distorção?

Alexandre: Muitos tutores hoje em dia também se sentem culpados, não somente por uma possível falta de atenção aos seus pets, mas também por exercerem alguma forma de dominação sobre eles, algo naturalmente normal. Amam seus pets profundamente e procuram expressar esse amor evitando a todo custo criar situações desagradáveis para eles, mesmo as mais inofensivas. Isso gera um grande impacto no adestramento, na aceitação por parte do tutor de qualquer forma de desconforto no processo de aprendizado, um exagero que não ocorre na natureza.

Luiz: E os profissionais e estudiosos em comportamento, o que dizem sobre isso?

Alexandre: Essa tendência, amparada talvez por interesses mercadológicos, tem influenciado um número enorme de profissionais e estudiosos do comportamento animal a ponto de se tornar a principal corrente metodológica hoje em dia, o chamado Adestramento Positivo. Essa corrente está revendo e redefinindo muitas das práticas e métodos utilizados até hoje, o que é sempre bem-vindo, apesar de que em inúmeros casos os resultados, na prática, sejam o oposto do esperado.

Luiz: Há embasamento teórico para essa forma de adestramento?

Alexandre: De certa forma. O Adestramento Positivo, seria baseado em dois pilares teóricos. De um lado, o

Behaviorismo Metodológico ou Radical e, de outro, a própria Psicologia Positiva, ramo recente da psicologia que, apesar de não possuir qualquer relação com comportamento animal, emprestou seu nome a essa corrente. No caso do Behaviorismo Metodológico esse fundamento parece mais claro. Estudos de Skinner mostraram claramente que animais que aprendem através de punições desenvolvem comportamentos neuróticos e compulsivos, claramente indesejáveis. Contudo, vale lembrar que as punições usadas nesses estudos antigos eram na maioria das vezes choques elétricos e privações, que possuem pouca ou nenhuma semelhança com situações normais que ocorrem no meio ambiente, campo de estudo da Etologia. Nesse sentido, os defensores do Adestramento Positivo adotam um pensamento menos etológico e mais behaviorista, um equívoco a meu ver. No meio ambiente os animais aprendem através de estímulos e recompensas positivas ou negativas, sem que isso leve necessariamente a comportamentos compulsivos.

Luiz: E no caso da Psicologia Positiva?

Alexandre: Aqui o vínculo é não menos equivocado. O uso do termo Positivo, em si já procura criar uma divisão entre o que consideram negativo, ou seja, o uso de qualquer tipo de desconforto, o que na prática quase sempre não ocorre. A Psicologia Positiva dá maior ênfase à busca da felicidade humana em relação às doenças mentais. Creio que muitos dos defensores do Adestramento Positivo erroneamente acreditam que a conquista da felicidade humana e animal se daria através da supressão de qualquer desconforto. Tive a oportunidade de estudar profundamente Psicologia Positiva e um dos aspectos fundamentais na busca da felicidade é a resiliência, a capacidade que temos de resistir e superar experiências desagradáveis, retornando ao nosso estado original. Se não experimentarmos desconfortos mesmo que mínimos, jamais saberemos como superá-los no dia a dia. Isso é válido também para os animais. A minha fórmula particular de felicidade leva em conta um equilíbrio entre experiências positivas e negativas.

Luiz: Quais são as consequências práticas disso tudo?

Alexandre: Infelizmente decepcionantes, principalmente em casos, digamos, mais graves. Vou dar alguns exemplos que conheço. Imagine um cão com problemas de agressividade com outros cães, quando vai passear. Em primeiro lugar, muitos profissionais que adotam o Adestramento Positivo sequer reconhecem como válido o termo "agressividade". Muitos preferem utilizar o termo "reatividade", um eufemismo sem fundamento científico. A Etologia diferencia claramente agressividade, que é um comportamento proativo, de reatividade. Nesses casos e em muitos outros casos, o Adestramento Positivo preconiza uma das técnicas incluídas no Behavior Alternative Training (BAT) 2.0 que é levar esse animal a um local isolado, com o mínimo de estímulos e submetê-lo a uma exposição gradual a um boneco de cão. Inicia-se a exposição à grande distância, que é lentamente diminuída até que haja a esperada dessensibilização. Essa metodologia exige uso frequente e prolongado de ambientes isolados, na maioria dos

casos sítios, fazendas ou chácaras. Além disso, enquanto durar esse processo, o cãozinho deve ser monitorado o tempo todo pelo tutor em casa até que haja sucesso no treinamento. Dá para ver que são exigências muito difíceis de serem cumpridas na prática e, mesmo quando tudo isso é possível, muitos cães infelizmente não reagem da forma esperada. O resultado mais comum nesses casos é o isolamento do animal do seu proprietário, que vão evitar passeios, convívio com outros animais, acesso a diferentes lugares, objetos e pessoas, o que só reforça o problema. Outro tipo de caso muito comum são cães que gostam de revirar lixo, por exemplo. Nesses casos o Adestramento Positivo preconiza a alteração do ambiente em primeiro lugar, ou seja, o tutor deve retirar o acesso a todas as lixeiras da casa. Estou usando aqui o caso das lixeiras como exemplo, apenas. Imagine isso para qualquer coisa que atraia o animal, como plantas, tapetes, roupas, mobília ou outros objetos. Isso envolve uma enorme mudança de comportamento e de estilo de vida por parte da família que é virtualmente impossível de acontecer. No mundo real, o resultado mais comum do insucesso dessas técnicas é o isolamento do animal do convívio familiar, uma experiência tremendamente negativa tanto para o pet como para os seus tutores. Inúmeros outros comportamentos inadequados estão sendo infelizmente remediados dessa maneira, tais como a agressividade com estranhos ou com outros animais. Soube de casos que cães são deixados o tempo todo em caixas de transporte e quando saem são monitorados o tempo todo por seus tutores, uma situação muito desagradável, que só leva a um aumento desse isolamento. Trata-se de uma enorme violência, exatamente aquilo que se buscava evitar.

Luiz: São situações muito dramáticas as que você descreve. Os tutores e os demais especialistas em comportamento não conseguem enxergar isso? O que eles acham?

Alexandre: Os tutores diante de problemas desse tipo conseguem entender perfeitamente os limites dessa metodologia. Quando explico e demonstro o que deve ser feito para corrigir o problema, que são necessários desconfortos mínimos, mas com resultados muito positivos e rápidos, de que tudo é feito com muito amor e respeito aos animais, aceitam perfeitamente que se faça uma abordagem diferente. O problema que vejo é que muitos adestradores e especialistas que adotam essa nova escola têm dificuldade de abordar esse tema com seus clientes, talvez até por medo de perdê-los ou mesmo devido a um certo policiamento por parte de colegas e outros especialistas. Participo de inúmeros congressos internacionais e muitos especialistas de renome que defendem publicamente essa escola, em off, me contam sobre suas frustrações e sobre os limites dessa metodologia. Em público adotam uma postura, digamos, politicamente correta evitando abordar esses temas temendo conflitos com demais especialistas e em muitos casos com a mídia.

Luiz: Pelo que estou vendo esse é um caso delicado que envolve não só ciência, mas também sentimentos e até reputações. Contudo os insucessos dessa metodologia

podem ter consequências bem negativas não só para os pets e tutores individualmente, mas para toda a sociedade e precisam ser abertamente discutidos. Você concorda?

Alexandre: Concordo. Na Cão Cidadão, minha franquia de adestramento, procuro discutir estes temas abertamente, escutando as diferentes opiniões, analisando situações e propondo abordagens diferenciadas, caso a caso. Não estou dizendo que o Adestramento Positivo não possui méritos e mesmo resultados interessantes, porém sou contra que ele seja adotado como um dogma, algo que não possa ser discutido ou contrariado. Não podemos ignorar toda a ciência, todo conhecimento etológico que embasa o adestramento até então.

O impacto desses resultados frustrantes que comentei podem ser muito grandes não só em termos individuais, mas também sociais. Estatísticas da Inglaterra, Estados Unidos e de outros países mostram que os problemas comportamentais são de longe as principais causas que levam animais para abrigos e até a eutanásia. No Brasil não temos dados a esse respeito, mas nossa experiência mostra que as pessoas recorrem à doação ou mesmo ao abandono dos animais como forma de se livrar do problema. Uma tragédia. Me pergunto quantos dessas mortes e abandonos poderiam ter sido evitadas se um adestramento adequado fosse feito. Não podemos deixar que isso continue ou que se intensifique.

É papel dos especialistas, adestradores, da mídia e até de celebridades ligadas às causas animais entender e alertar os tutores quanto aos limites dessa nova escola. O objetivo de todos é dar a melhor solução para os problemas que envolvem comportamento animal em sua convivência na sociedade humana, independentemente de dogmas. Sou otimista, e acredito que todo esse processo é parte de uma evolução em favor de uma relação cada vez melhor entre pets e seres humanos. Essa é a minha missão, que procuro passar sempre que posso aos meus colegas, ao público e aos franqueados da Cão Cidadão. ■

Sobre o autor

Alexandre Rossi
Zootecnista e médico veterinário, especializado em comportamento animal.

Se você quiser sugerir um tema ou entrevistado para minhas próximas colunas, por favor escreva para: luiz.luccas@ahld.com.br



Clipping

As discretas passarelas dos gatos suíços. — REVUE SUISSE — julho 2018

As escadas para gatos, em zonas residenciais da Suíça, especificamente em Berna, capital do país, constituem um fenômeno urbano tanto típico quanto desconhecido e que ainda não foi observado em outros lugares no mundo.

Uma grande habilidade arquitetônica ambiental permite construir passarelas entre o espaço de vida em liberdade e o lar aconchegante. Escadas em caracol, escadas basculantes, dispositivo em zigue-zague e tantos outros. Embora haja uma densidade relativamente grande destas instalações para gatos, nunca foram objeto de estudo.

Uma estudiosa, grafista e fotógrafa, Brigitte Schuster (brigitteschuster.com/swiss-cat-ladders) está escrevendo uma obra de referência sobre as relações entre cidadãos e este animal doméstico. Ela combina uma visão sociológica, arquitetônica ambiental e estética, e seu objeto de estudo a leva a se perguntar se, finalmente, as escadas não seriam mais importantes para os indivíduos do que para os gatos: elas mostram a necessidade que os humanos têm de propiciar a seus animais um acesso fácil aos seus domicílios.



O livro estará pronto em 2019.

Alguns comentários surgiram: gatos precisam de liberdade e, dependendo do andar no qual vivem, não têm livre acesso ao exterior. Além disso, as escadas constituem um ambiente lúdico ideal e melhorador de sua saúde pois propiciam exercícios que outros gatos, continuamente mantidos presos e fechados, não têm. Pode parecer uma ideia insólita, mas é o amor aos animais traduzido em infraestrutura. AD.

